



Vol. 26, nº 1 (2024)

SINHA VITÓRIA E O DESEJO DE QUE A VIDA NÃO SEJA MAIS SECA

SINHA VITÓRIA AND THE DESIRE THAT LIFE IS NO LONGER DRY

Eloísa Aparecida Cerino Rosa Lima¹
José Pereira Filho²

Recebimento do Texto: 28/04/2024

Data de Aceite: 23/05/2024

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de análise o romance *Vidas secas* de Graciliano Ramos, com destaque para o quarto capítulo dedicado a personagem sinha Vitória. Negador das normas e dos valores cultivados na sociedade capitalista, o autor, através da família de retirantes, e em especial, na figura de sinha Vitória, demonstrou seu desejo de superação desta sociedade e a aspiração de uma refeita com novos valores. Para esta análise, partimos de obras basilares sobre a temática, entre elas, *Vidas secas* (2013) de Graciliano Ramos, 119ª edição; *Vidas secas, os desejos de sinha Vitória* (2001) de Belmira Magalhães e o ensaio crítico *Um mundo recalcitrante: as margens da rotina de sinha Vitória* (2013) de Hermenegildo Bastos. Com sinha Vitória, a autoria e seu narrador apresentam uma reflexão sobre as contradições da realidade. Ela é uma mulher movida por sonhos e desejos que movimentam o romance, questionam os limites impostos pela realidade, e propõem alternativas, no plano da arte, para superação deles.

Palavras chaves: Sinha Vitória. *Vidas secas*. Realismo. Representação política e estética.

Abstract: The current project aims at analyzing the novel *Vidas Secas* by Graciliano Ramos, highlighting fourth chapter which is dedicated to the character Sinha Vitória. Denier of rules and values cultured in a capitalism society, the author, through the emigrant's family, particularly, on the figure of Sinha Vitória, demonstrated his cravings to overcome this society and a new aspiration of it with new values. For this analyses, we started from fundamental pieces about the topic, among them, *Vidas secas* (2013) by Graciliano Ramos, 119ª edition; *Vidas secas, os desejos de sinha Vitória* (2001) by Belmira Magalhães and a critical essay, *Um mundo recalcitrante: as margens da rotina de sinha Vitória* (2013) by Hermenegildo Bastos. Based on Sinhá Vitória, the authorship and his narrator lean heavily in a reflection about the contradictions of the circumstances. She is a woman who is moved by her dreams and wishes, which moves the novel, questioning the boundaries set by the reality, recommending alternatives, in the realm of art, to overcome this issue.

Keywords: Sinha Vitória. *Vidas secas*. Realism. Political and aesthetical representation.

¹ Professora da rede municipal de Rondonópolis (SEMED). Licenciada em Educação do Campo (Linguagens/UNB) e Mestra em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (UNESP/IPPRI). E-mail: eloisa.lima@edu.mt.gov.br

² Doutor em Sociologia (UFSCar). Professor da UNEMAT, Câmpus Universitário de Tangará da Serra. Licenciado em Pedagogia (UFMT), Mestre em Educação (UNIC-Cuiabá). E-mail: josepereira@unemat.br



1 Introdução

É sabido que as condições artísticas são parte das condições de produção na sociedade. A estética artística, assim como a ciência e a prática cotidiana são formas de conhecimento humano, portanto refletem a mesma realidade objetiva, embora a forma e o conteúdo sejam distintos. Através da arte, do fazer estético, podemos refletir sobre os limites da nossa realidade e sobre as possibilidades de superá-los. Nesse sentido, *Vidas secas* de Graciliano Ramos, publicado na década de 1930, que representou o fortalecimento da classe trabalhadora, mesmo que apenas como classe em si, é prova concreta disso.

A obra relata a história de uma família de retirantes nordestinos fugindo da seca e das relações de poder estabelecidas pelo capitalismo brasileiro. Encontram uma fazenda abandonada e ali se abrigam por algum tempo durante o inverno, servindo a um patrão distante que os rouba. Porém, chega a seca e novamente de braços com a miséria, mas alimentando o desejo de superação dos limites, saem à procura de um novo lugar para viver. O romance é construído por capítulos aparentemente independentes, mas que se integram, dialogando uns com os outros, dando sentido à obra. *Vidas secas* é entendido por muitos críticos como um estudo do homem aliado à natureza. Os dois se entrelaçam e estabelecem entre si um poderoso vínculo.

Narrado em terceira pessoa, o romance consegue mostrar ao leitor a vida mutilada de Fabiano, de sinha Vitória, do menino mais velho e do menino mais novo, bem como dos seus animais, o papagaio e a cachorra Baleia. Dando ênfase ao tempo psicológico em detrimento do cronológico, Graciliano Ramos consegue mostrar o interior de personagens rústicos, que quase não falam, porém ao seu modo, tentam compreender o mundo e a realidade de uma sociedade que se assegura por meio da exploração de uma classe. A narrativa é ambientada no sertão, região marcada pela falta de chuvas que somado ao descaso com o ser humano, transforma a paisagem em ambiente inóspito e hostil.

A obra de Graciliano Ramos pode ser considerada uma expressão da década de 1930 que, entre outras questões, é marcada pelo início do processo de industrialização na América Latina e pela visibilidade das classes trabalhadoras que se mobilizam na tentativa de melhorar as condições de trabalho e conseqüentemente de vida. Tais mobilizações empreenderam uma disputa ideológica e contribuíram para dar início ao clima de



revolução que se perpetuou por décadas e culminou com vários movimentos revolucionários, que vão desde a Coluna Prestes até a Revolução Cubana de 1959 (Brunacci, 2008).

Este período no Brasil é marcado por lutas, mobilizações e importantes conquistas para a classe trabalhadora, em contrapartida com as insurreições militares, morte de trabalhadores e torturas aos presos políticos. Neste contexto histórico, surgem produções culturais importantes no sentido de fortalecer a ideologia da classe trabalhadora, entre as quais podemos citar *Vidas secas* de Graciliano Ramos.

O reflexo estético tem a tarefa de compreender, descobrir e reproduzir com seus meios específicos a totalidade da realidade, porém diferente da ciência cujas descobertas são cumulativas, a arte representa sempre um recomeço e sendo assim, *Vidas secas* pode ser declarado como revelação de uma realidade social concreta. Portanto, se as representações artísticas são reflexos do real, reflexos da consciência humana, pode-se afirmar que essa obra, também reflexo estético do real, consegue refletir ao mesmo tempo a singularidade do problema da concentração da terra, juntamente com questões fundamentais do gênero humano.

Nesse sentido, o objeto de estudo do presente trabalho é o quarto capítulo do romance *Vidas secas* dedicado a personagem sinha Vitória, pois se *Vidas secas* pode ser compreendido como um olhar sobre a realidade, vale ressaltar a importância que esta personagem tem para a estrutura da obra. Sinha Vitória é uma mulher movida por desejos e sonhos de transformações que ainda não foram alcançados por ela, nem pela maioria das famílias trabalhadoras. Portanto, é através, principalmente dela, que Graciliano Ramos e seu narrador, apresentam uma reflexão sobre as contradições da realidade, apontando uma alternativa de solução para a personagem e para todos aqueles que ela representa.

Ao longo da história, mulheres e homens enfrentam demandas geradas pela opressão e ao mesmo tempo desenvolvem estratégias de resistências. Nesse sentido, a personagem sinha Vitória foi capaz de problematizar questões sobre sua realidade, representando a possibilidade de transformação da vida, tanto de sua própria família na ficção, quanto de uma classe. Com ela, Graciliano Ramos fortaleceu a sua denúncia contra as normas que formam e deformam este mundo, bem como demonstrou o desejo de superação que nutre em favor daqueles que se encontram nas margens da sociedade, como a família de retirantes.



É necessário enfatizar o quanto a personagem sinha Vitória, que nunca foi notada como deveria, também tem papel fundamental para fortalecer a intenção política do autor, pois Graciliano Ramos constrói, do início ao final do livro, uma personagem que ao mesmo tempo em que representa os limites estabelecidos pelas relações de exploração e subordinação desta sociedade, representa também a possibilidade de superação deles.

2 Os sonhos e desejos de Sinha Vitória como possibilidade de superação

De antemão, se faz necessário abordar o nome sinha Vitória, que para Magalhães (2001), não foi escolhido por acaso. A autora nos esclarece que existe uma diferença sociológico-fonética entre *sinhá* e *sinha*, a primeira oxítona e a segunda paroxítona. Na maioria do Nordeste brasileiro *sinhá* é usado como forma de tratamento para mulheres da classe dominante e *sinha* para as pobres, casadas e dignas de respeito. Vitória vem do latim *Victória* que significa “aquela que vence”. Portanto *sinha Vitória* é significado de mulher pobre, sofredora, porém digna de respeito.

Nesse sentido, a referida personagem, mulher trabalhadora, esperta, zelosa, responsável pelo trabalho doméstico e pela educação dos filhos, é aquela que dentro de suas limitações e à sua maneira, vence. Dentro do seu núcleo familiar, ela era detentora do poder decisório e embora Fabiano, seu esposo, mantivesse sua posição de provedor da família, o conhecimento que faltava nele, de certa maneira, encontrava-se nela, por isso liderava a administração da casa e as tomadas de decisões.

Bastos (2013), dialoga com esta questão e afirma que a personagem *sinha Vitória* é movida por dois extremos e contrapostos sentimentos: o medo e o desejo. Medo de que a seca retorne e novamente tenham que por os pés na estrada, em condições subumanas, caminhando sem rumos e sem perspectivas; desejo de que um dia consigam superar os limites que lhes impedem de conquistar a dignidade humana e conseqüentemente, a liberdade.

Analisando este último sentimento que movia a personagem, o desejo, percebemos que ele é ferramenta fundamental para que a autoria consiga dar conhecimento a família de retirantes. É através dos sonhos e desejos de *sinha Vitória*, que Fabiano, figura paterna, consegue perceber que está sendo roubado pelo patrão, que as arribações matavam o gado e que somente a fuga, os tiraria daquela situação.



Sinha Vitória, ao mesmo tempo em que representa uma mulher vivendo as indigências que o latifúndio imputa aos desprovidos de terra, é também a personagem que oferecia uma possibilidade mais direta de diálogo com as teses políticas da esquerda, na perspectiva da luta contra os limites impostos aos trabalhadores. Os desejos de sinha Vitória que movimentam o romance, questionam os limites impostos pela realidade e propõem alternativas no plano da arte, para superação deles (Bastos, 2013).

Apesar de viver junto com a família às margens da sociedade e da profunda pobreza e desumanidade a que foram submetidos, sinha Vitória consegue fazer uma reflexão crítica da realidade e minimamente entender as relações de dominação existentes. Ela em nenhum momento se anula. Permanece sempre querendo entender os acontecimentos ao seu redor, embora sejam misteriosos. Para Bastos, “o que se passa com ela, ou seja, o conjunto de ações que configuram o romance é de fato o que se passa no país”, o que nos dá a entender, que por meio de seu narrador e do discurso indireto livre, Graciliano Ramos se identifica com os personagens, “fazendo com que pensamentos e reflexões sejam dos personagens, mas também dele próprio”. (Bastos, 2013, p. 04).

Os sonhos e desejos de sinha Vitória são tão intensos que chegam a influenciar Fabiano e fazê-lo refletir sobre várias questões. Vejamos no caso das contas erradas do patrão.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros (VS, 2013, p. 94).

Antes de ir acertar as contas com o patrão, Fabiano foi consultar a mulher que se sentou na cozinha, e com variadas sementes, realizou somas e diminuições, até que chegou ao valor total do que caberia eles receberem pelos trabalhos prestados. Porém, como de costume, as contas do patrão não batiam com as de sinha Vitória e Fabiano “não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor. Via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo” (VS, 2013, p. 94). Fabiano mesmo sem poder enfrentar o patrão e dizer que sinha Vitória estava certa em suas contas, em seu interior reconhece a



sabedoria dela. Tinha ciência de que cada vez mais se endividava por consequência dos juro e graças a ela conseguia ter esta compreensão e sentia-se grato.

Mais adiante, sinha Vitória faz uma relação entre a morte do gado e as arribações. O bebedouro estava coberto de arribações, elas vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores, descansavam, bebiam água e como ali não havia comida seguiam para o Sul. Isto era sinal de que a seca estava chegando, pois:

[...] O sol chupava os poços e, aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco do copiar, examinou o céu limpo, cheio de claridades de mau agouro, que a sombra das arribações cortava. Um bicho de penas matar o gado! Provavelmente sinha Vitória não estava regulando (VS, 2013, p.109).

Esta reflexão de sinha Vitória a princípio deixou Fabiano confuso, atordoado a ponto de achar que a mulher estava ficando doida, mas logo ele começa a entender aquelas palavras e novamente vemos sinha Vitória forçando Fabiano a pensar:

Como era que sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado curti sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída (VS, 2013, p.109).

Fabiano percebe a proeza da mulher, reconhecia que ela tinha ideias e nas situações difíceis sempre encontrava saídas. Por isso ele depositava confiança nela, precisava dela para manter-se firme e vivo e ter a certeza de que tomava as decisões certas. Vejamos no trecho em que se preparam para a fuga e ele tem dúvidas sobre o destino que deu a Baleia, sobre as arribações, sobre a viagem e sobre o futuro:

Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele (VS, 2013, p. 116).



Para Fabiano sua mulher sempre tinha uma solução, uma resposta para suas aflições e isso lhe dava certa segurança. A capacidade de sonhar e fazer planos de sinha Vitória, contribuía para que a família de retirantes se preservasse mais humana e detentora de sonhos e perspectivas. Ela era movida por sonhos e desejos, e esta capacidade de sonhar, imaginar, tornava possível vislumbrar perspectivas de melhoras para a vida deles. Fabiano a admirava, como poderia sinha Vitória refletir sobre a vida e fazer descobertas quase impossíveis? “Descobrir que as arribações matavam o gado. E matavam” (VS, 2013, p. 110).

Através de sinha Vitória, Fabiano é capaz de fazer uma síntese da realidade da família. Quando faz a descoberta sobre as arribações, ele atira várias vezes nos galhos das árvores a fim de acabar com elas, mas de repente pensa: “Pestes. impossível dar cabo daquela praga” (VS, 2013, p. 114). Amparado pela reflexão que sinha Vitória fizera anteriormente, ele percebe que era impossível acabar com as arribações, pois elas viriam junto com a seca e nada podiam fazer. As arribações bebiam o resto da água, iam matar o gado, assim como o patrão lhe roubava os restos que possuía. Fabiano não faz esta relação entre arribação x patrão diretamente, mas através dos pensamentos dele, o narrador produz condições para que o leitor o faça.

Fabiano continua seu raciocínio: “Achou-se isolado. Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo” (VS, 2013, p. 114). Sabemos que é impossível que as arribações possam comer Fabiano, mas com o raciocínio dele, o narrador cria condições para que o leitor associe às arribações as ferramentas de poder contidas na obra, como é o caso do patrão, que representa o latifúndio, que é amparado pelo estado, aqui representado pelo soldado amarelo e pelo fiscal da prefeitura e, juntos detém os meios necessários para produzir a vida. Estes sim, podem matar a família de retirantes (Bastos, 2013).

Estas reflexões podem ser atribuídas a Fabiano, ao autor e seu narrador, bem como ao leitor, mas é essencial ressaltar que elas partiram de sinha Vitória, detentora de sonhos e inconformações, e o próprio Fabiano reconhece isso. “As arribações matavam o gado. Como tinha sinha Vitória descoberto aquilo? Difícil. Ele, Fabiano, espremendo os miolos, não diria semelhante frase” (VS, 2013, p. 114). Fabiano reconhece as habilidades da mulher e movido por sentimentos, pensa nela e nas consequências da fuga que se aproxima: “Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de



folha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro” (VS, 2013, p. 114).

Percebe-se que Fabiano não precisa da mulher para realizar ações, precisa dela para entender as mesmas e justificá-las, pois sinha Vitória tinha comportamentos diferentes que evidenciam seu desejo de vida melhor e isso contaminava-o.

Na passagem em que se preparam para a festa de natal, todos estão em suas vestimentas novas e apertadas por consequência do pouco tecido que Fabiano comprou para produção delas. Ele e os meninos vestem-se de branco e se incomodam com as roupas e sapatos que mal cabem em seus corpos, preferem caminhar descalços, o que para eles é algo natural, pois só assim sentiam-se de volta aos seus lugares – o de caboclos descalços plantados na terra. Com sinha Vitória acontece o contrário, ela está vestida de vermelho com ramagens e apesar de se equilibrar mal nos sapatos e em certa altura também retirá-los dos pés, sente a necessidade de se apresentar como as mulheres da cidade, mostrando que não está plantada no sertão e na vida que levavam. “Sinha Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibra-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua – e dava topadas no caminho (VS, 2013, p. 71).

Vemos que sinha Vitória é uma mulher teimosa que não se conforma com o isolamento em que vive, quer viver a dignidade humana, imitar os costumes da cidade, fazer o que as outras pessoas fazem. Estes são atos de uma pessoa que observa, pensa e tenta enxergar o futuro. Para Magalhães:

Sinha Vitória tem vestido vermelho e sapato de salto alto, anda com o guarda chuva como todas as mulheres do lugar, sente prazer no fumo, e em olhar a vida ao seu redor, pode se sentir feliz, não precisa da cachaça do marido para ficar valente, já é forte porque é capaz de ultrapassar a realidade cotidiana, mesmo sem negá-la (Magalhães, 2001, p. 117).

Os sonhos de sinha Vitória moviam-se no sentido da superação dos limites impostos a eles, pois não aceitava que estavam predestinados a morrer na secura da terra e da vida. Para amenizar tal situação e manter vivo o desejo de mudança, muitas vezes dedicava-se a recorrer à memória e relembrar momentos felizes que já vivera, construía e reconstruía em seu pensamento imagens de dias melhores para todos, pois o seu imaginário sustentava seus sonhos e desejos. Entre tantos sonhos alimentados pela personagem, existe um que é central para reafirmar seu desejo de superação. Logo no início do romance, no



capítulo intitulado *Fabiano*, o narrador informa: “Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira” (VS, 2013, p. 23).

Este específico desejo, perpassa por toda a obra, pois a todo o momento a personagem associa suas aflições e desejos à substituição da cama de varas que possuíam, pela cama de lastro de couro igual à de seu Tomás da bolandeira. Quando reclamava da cama de varas dizia inconveniências ao marido, planejava cortar gastos economizando na roupa e no querosene a fim de juntar dinheiro e comprar a tão sonhada cama.

O capítulo dedicado a ela no romance, se baseia em suas inquietações. É uma completa narração dos medos, remorsos, saudades, esperanças, ideias e desejos da personagem, que a todo instante volta à cozinha onde está a trempe e sopra o fogo para que ele fique aceso, mas na verdade não é só o fogo que sinha Vitória mantém vivo; ela também alimenta os sonhos, cuida deles, pois este é o recurso dado pelo autor para que ela não se conforme com sua realidade. Prova disso, é que mesmo em meio à secura e desilusão, sinha Vitória está vestida com tecido vermelho de ramagens.

Tumultuadamente ela pensa na seca, nas alpercatas velhas, no papagaio que se tornara alimento e para piorar sua raiva, fora comparada a ele por Fabiano quando se referiam aos sapatos de verniz em que ela se equilibrava mal. Repreende os meninos que estão todos sujos de lama, pensa no bebedouro seco, na panela que cozinhava o alimento e que ela ainda não havia temperado, e novamente “pôs-se a sonhar com a cama de lastro de couro. [...] tinha que passar a vida inteira dormindo em varas?” (VS, 2013, p. 44/45). Para Bastos, “o mundo é só dela e do seu desejo. Mas não é um desejo solitário, ela pensa pelo grupo. É um desejo coletivo” (Bastos, 2013, p. 04).

Este desejo possui uma enorme dimensão na vida de sinha Vitória e funciona como ferramenta estratégica do autor e de seu narrador, para demonstrarem a confiança que depositam na classe trabalhadora, de que serão eles próprios a desejarem e conquistarem dias melhores. Sonhar com uma cama em que se possa de verdade descansar o corpo e o sofrimento, ao mesmo tempo em que alimenta a vontade de continuar a viver, mesmo que pelo sonho, demonstra também o desejo de mudança que vai muito além de ter uma simples cama.

Sinha Vitória é quem formula o projeto de alcançar uma vida digna, é ela quem faz as contas e desmascara a exploração do patrão, que provoca o raciocínio de Fabiano em relação às aves de arribação, que ele associa à intransigência do soldado amarelo, ou seja, é



ela o elemento capaz de demonstrar o desejo de superação contido no romance.

Até mesmo quando estavam em meio à festa de natal, em meio a tantas novidades “sinha Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomás da bolandeira, uma cama de verdade” (VS, 2013, p. 82). Esta “cama de verdade” simboliza o sonho que a personagem tem de levar uma vida de verdade, pois a cama é algo duradouro, sólido, não se acaba de uma hora para outra e no dia em que pudessem possuir a cama, poderiam possuir outras coisas, inclusive integridade humana. Portanto, o desejo de possuir a cama de lastro de couro, pode ser entendido, como o desejo de levar uma nova vida. Para Bastos, “os sonhos não são só dela, pois representam a possibilidade extrema de superação do mundo recalcitrante” (Bastos, 2013, p 02).

Sinha Vitória antes de saírem para a festa arruma todos da família, zela por eles. Na festa comporta-se como uma verdadeira dona de casa, cuida do marido bêbado impedindo-o de jogar e perder o pouco que possuíam, acalma as crianças quando Baleia desaparece e está atenta a tudo que acontece ao seu redor. Porém não fica somente neste plano: cria asas e começa a sonhar com a tão desejada cama, pois a conquista dela significava a conquista de uma vida para além daquela que viviam, como analisa Magalhães:

O que é uma cama de verdade? Não é apenas um móvel para o descanso do corpo, mas uma possibilidade de ver através do presente, da urbanização que as barracas enunciam, outra forma de vida que não aquela que a seca e o latifúndio ameaçam a cada momento, mesmo durante a festa. (Magalhães, 2001, p. 118).

O capítulo dedicado à personagem, como já afirmamos, é uma completa descrição de seus mais íntimos pensamentos e sentimentos. Mas também nos demonstra, que em certo momento do romance, a família encontrava-se bem. Mesmo em condições precárias, estavam alojados. A fome e a seca tinham dado uma trégua. Possuíam alimentos, os meninos brincavam tranquilos no barreiro e Fabiano dormia na rede. Dormia e roncava. Para sinha Vitória, o ronco compassado de Fabiano era um sinal de que tudo estava seguro, provavelmente a seca estava longe. Só faltava a cama.

Tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas davam-lhe sensação de firmeza e repouso. Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas? Bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira. E ela



se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam estirar-se no centro. A princípio não se incomodara. Bamba, moída de trabalhos, deitar-se-ia em pregos. Viera, porém, um começo de prosperidade. Corriam, engordavam. Não possuíam nada: se si retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos. Mas iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava neles - e eram quase felizes. Só faltava uma cama. Era o que aperreava sinha Vitória. (VS, 2013, p. 44/45).

A falta da tão desejada cama, aperreava sinha Vitória. Ela era o objeto que os proporcionaria um descanso adequado e porque não dizer, um contato mais íntimo. Como já sabemos, bem no meio da cama de varas havia um nó. Ela se deitava de um lado, Fabiano do outro, não podiam se estirar no meio, ou seja, não podiam se tocar. Portanto, a cama de lastro de couro, entre tantas outras coisas, os traria a possibilidade e o conforto de se tocarem, se sentirem e até se amarem.

Mais adiante, a personagem se pergunta e faz o leitor também se perguntar: “Por que não tinham removido aquela vara incomoda?” (VS, 2013, p. 45). Analisando a pergunta, podemos entender que aí está à questão central deste sonho – não removiam o nó da cama, porque na condição a que se encontravam não poderiam remover a exploração da sua força de trabalho, não poderiam remover o patrão que lhes roubava, nem o soldado amarelo que os humilhava, ou fiscal da prefeitura que os cobrava o que não tinham. Não poderiam remover o silêncio que os impedia de falar, questionar, exigir direitos, não poderiam trazer o papagaio e Baleia de volta, nem colocar os meninos na escola para aprenderem coisas difíceis e necessárias (Magalhães, 2001).

Os pensamentos de sinha Vitória continuam: “Suspirou. Não conseguiram tomar solução. Paciência. Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira”. (VS, 2013, p. 45). Para o leitor fica claro que, apenas retirar o nó da cama de varas e continuar com ela, simboliza para a personagem e sua família, manter-se no nível de animalidade em que diversas vezes foram colocados. Apenas remover o nó da cama, seria como aceitá-la. Sinha Vitória não queria apenas concertar a cama velha, pois continuar dormindo nela, era como se acomodar e aceitar a vida que levava. Ela queria uma cama nova, de qualidade, bem esticada e que lhe trouxesse certo conforto. A possibilidade de possuir a cama de couro, trazia a esperança de poder possuir outras coisas e levar outra vida.

Apesar do sonho de comprar a cama de lastro estar mais evidente no capítulo *Sinha Vitória*, não podemos nos esquecer de que *Vidas secas*, foi moldado por capítulos



separados, que dialogam entre si e dão sentido ao todo, portanto este sonho é algo que interliga o desejo de mudanças tanto do autor e de seu narrador, quanto da família de retirantes e dos vários Fabianos e sinhas Vitórias espalhados as margens da seca humana. Por todo o percurso da obra o leitor vai se deparar com o narrador ou os personagens relembando o sonho de comprar a cama de lastro de couro, o que nos faz acreditar que esta cama significa toda a mudança que os envolvidos na obra desejam, pois se assim não fosse, e a cama de lastro de couro significasse apenas uma simples cama, Fabiano e sinha Vitória logo no início do romance, já teriam removido o nó da cama de varas que tanto os incomodava.

Como já afirmado, os sonhos e desejos da personagem representam o desejo de superação dos limites estruturais a que foram submetidos. Na possibilidade de realização deles, está embutida a esperança de transformar a vida e o mundo. Para Bastos, estes limites que impedem Fabiano e sua família de alcançar uma condição melhor, é resultado da posição do autor, que não aceita tais limites passivamente, e os toma como condição objetiva a ser superada. O autor ressalta ainda, que a rudeza, a pobreza de linguagem e a dificuldade dos personagens em entender o mundo, ganham na obra um sentido positivo, pois vemos aí, não apenas a constatação dos limites, mas um desejo de superação e de transformação do mundo, por parte do autor (Bastos, 2013).

Este sonho de sinha Vitória é expressão de alguém que quer ir além daquilo que a realidade permite, quer uma cama igual a do seu Tomás da bolandeira, homem respeitado. Portanto, a cama também pode trazer o respeito. Com este sonho, sinha Vitória marca a diferença entre a realidade vivida e aquela que ela deseja, pois a observação de que seu Tomás possui uma cama de lastro de couro cru e isto lhe proporcionava uma vida mais agradável, significa que existem outras formas de vida, para além daquela que eles viviam. Portanto, assim como ele, eles também poderiam comungar de certa tranquilidade e dignidade.

Vejamos outro trecho do capítulo *Sinha Vitória*, quando a personagem está nos seus “azeites” com Fabiano por consequência da cama.

Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. Fabiano a princípio concordava com ela, mastigara cálculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para armação. Bem. Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinha Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas e,



Vol. 26, nº 1 (2024)

recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa. (VS, 2013, p. 40/41).

Percebe-se que sinha Vitória compreende que tinham que descobrir um jeito de comprar a cama sem abrir mão do pouco que possuíam, pois utensílios como roupas e querosene, eram essenciais para a vida deles. Para Magalhães (2001), sinha Vitória percebe as dificuldades do cotidiano, mas mesmo não conseguindo agir diretamente sobre elas, não se conforma que sejam imutáveis. Em seus pensamentos tumultuados pelas obrigações da casa e o desejo de possuir a cama, ela acende o cachimbo, chupa o canudo de taquari cheio de sarro e solta uma cusparada que passa por cima da janela e cai no terreiro. De repente,

uma extravagante associação relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim de ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se – e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia. (VS, 2013, p. 42).

Esta ação de associar o cuspo à compra da cama é mais uma prova de que a personagem não se conformava com a situação. A distância que seu cuspo conseguia percorrer significava a situação a que estavam submetidos e, tal situação só permitia que chegassem até ali, perto da janela, ou seja, não teriam de onde tirar a cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro novamente, significaria que eles conseguiriam alcançar outro plano que os permitiria adquirir a cama, pois assim como o cuspo, poderiam ir mais longe. A cama é algo concreto. Vejamos:

Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos (VS, 2013, p. 46).

A cama de lastro de couro que sinha Vitória tanto deseja, simboliza a possibilidade de superação dos limites que os impedia de desfrutar de certa tranquilidade e dignidade humana, pois só se pode ter uma cama como a descrita acima, feita pelo carpinteiro, de madeira bem acabada, embutida, com o couro bem pregado e esticado, num espaço seguro, onde a fome e a seca não os assustassem mais. Portanto o sonho de possuir a cama, é



também o sonho de criar raízes, fixar-se em determinado lugar e possuir coisas necessárias para se garantir uma vida minimamente decente (Magalhães, 2001).

A cama seria o início do caminho, pois ao possuírem-na, local destinado a descansar o corpo e aliviar o cansaço, poderiam possuir outros bens materiais capazes de dá-los segurança e mais do que isso, poderiam ter acesso à educação, a cultura, a comunicação, entre outros, elevando assim seu patamar de humanidade. Magalhães assinala, que o desejo de possuir a cama pode ser compreendido como uma construção ficcional da mudança de situação em que viviam, da possibilidade de algo novo, um desejo que sintetiza todos os outros - uma vida digna para a família.

Ao final do capítulo, sinha Vitória:

Sentou-se na janela baixa da cozinha, desgostosa. Venderia as galinhas e a marrã, deixaria de comprar querosene. Inútil consultar Fabiano, que sempre se entusiasmava, arrumava projetos. Esfriava logo – e ela franzia a testa, espantada, certa de que o marido se satisfazia com a ideia de possuir uma cama. Sinha Vitória desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira (VS, 2013, p. 46).

Vejamos aí, que Fabiano e sinha Vitória entendem o desejo de comprar a cama de lastro de couro, de maneiras diferentes. Fabiano se entusiasmava com a ideia, arrumava projetos, mas logo esfriava. Contentava-se apenas com a ideia utópica de comprar a cama. Percebe-se que de certa forma, os limites, as dificuldades do dia a dia, dificultam a ele buscar algo distante do seu cotidiano. Para Fabiano, possuir a cama de couro era desejo impossível. Essa ideia se reforça no capítulo *O mundo coberto de penas*, quando ele está maravilhado com as descobertas da mulher em relação às arribações e pensa: “Pobre de sinha Vitória. Não conseguiria nunca estender os ossos numa cama, o único desejo que tinha. [...] Receando magoá-la, Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. Não poderiam dormir como gente” (VS, 2013, p. 115).

Percebe-se então, que Fabiano não acredita na possibilidade concreta de comprar a cama. Apenas concordava e alimentava a ideia, para não magoá-la. Sinha Vitória não. Ela não quer apenas a ideia de comprar a cama, ela quer a cama real, concreta e tudo que o ato de possuir a cama simboliza. Por isso, franze a testa e fica espantada por constatar que Fabiano se contentava apenas com a ideia. Ela em nenhum momento desanima, mantém-se firme e sonhadora.



Vejamos no capítulo *Fuga*, enquanto fogem murmurando monossílabos:

[...] sinha Vitória combateu a dúvida. Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinha Vitória insistiu e dominou-o. Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos como bicho? Fabiano respondeu que não podiam. O mundo é grande (VS, 2013, p. 122).

Esta constatação de que não poderiam mais viver como bichos fugindo no mato e que no mundo existiam coisas extraordinárias, pois ele é grande, evidenciam a certeza da personagem de que aquela vida não serve mais a eles. Ela se dá conta de que “o mundo é grande” e eles estão inseridos nele, portanto não estão predestinados a se acabarem ali. A conversa continua enquanto olham os meninos e imaginam o que eles estão pensando. Fabiano arrisca a dizer que “menino é bicho miúdo, não pensa” (VS, 2013, p. 123), mas sinha Vitória o ignora e renova a pergunta, o que é suficiente para o marido entender que ela não comunga de sua opinião.

Mais adiante a mãe questiona o futuro dos filhos em relação ao que iram fazer quando crescessem. “Vaquejar, opinou Fabiano.” Ela gesticula negativamente com a cabeça e pede à santa que livrasse os filhos daquela desgraça. Desejava chegar a uma terra distante, onde poderiam esquecer a caatinga “onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais” (VS, 2013, p.123). A determinação de sinha Vitória era de deixar aquela vida.

O desejo da personagem em possuir coisas, como sapato de salto alto, saia de ramagens, guarda chuvas com ponta para cima, querosene para iluminar as conversas de fim de noite, e acima de tudo a cama de lastro de couro como a de seu Tomás da bolandeira, configuram a busca por uma transformação de vida. E se tratando da autoria, este desejo vai muito além do romance, pois como afirma Bastos, “sobre a visão de mundo do escritor e do seu mediador, o narrador, convém dizer que, embora ausente da narrativa, o narrador não escapa dela, pois o que aí está representado é o país de que ele é parte e que, como intelectual, ele procura pensar (BASTOS, 2013, p. 02).

Portanto, é desejo do escritor conhecer e transformar sua realidade, mas é também do leitor. Magalhães, dialogando sobre a mesma questão, afirma que Graciliano Ramos, através das ações romanescas, criou esta personagem que apesar de estar em segundo plano



na materialidade discursiva, sugeriu os caminhos de que o autor precisava, para propor mudanças em relação a esta realidade, que ele tão bem conhecia e sentia (Magalhães, 2001).

Ainda na estrada, dialogando sobre o futuro, Fabiano tem medo: “[...] o vaqueiro ensombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar” (VS, 2013, p. 121), mas a mulher o anima e afirma que ele poderia se entregar a outra ocupação. Esta outra ocupação a que se refere a personagem, pode ser compreendida como um ato intencional do autor para afirmar que existem outras perspectivas para a família de retirantes, confirmando assim que partilhava das ideias do movimento de esquerda, ideias fortalecidas com sua prisão e com o contato que a mesma lhe proporcionou com tantos trabalhadores explorados, que lhe deram grande material político ideológico, como ele mesmo afirma em *Memórias do Cárcere*.

Graciliano Ramos destina seus personagens para a fuga e os deixa no meio da estrada, pois acredita que somente a arte não pode conduzi-los a outra realidade, ela apenas apresenta possibilidades. Deixando-os na estrada, movidos por sonhos e desejos, ele aponta caminhos, não tem certeza da efetivação deles, mas acredita na possibilidade e na função contra hegemônica que a arte pode exercer. Ele, progressivamente invadiu o silêncio da família de retirantes e através deles, pode demonstrar sua intenção política, evidenciando as contradições sociais e o desejo de superação destas contradições.

Nesta obra, “a autoria está confirmando posições de classe e estabelecendo possíveis caminhos para a quebra do isolamento dos trabalhadores e a possibilidade de criação de uma consciência para si” (Magalhães, 2001, p. 108). O isolamento dos personagens de *Vidas secas*, que sentem grande dificuldade de se comunicarem, mesmo que entre si, seria então um isolamento próprio da classe trabalhadora que até então não conseguiu se organizar a ponto de construir um projeto único, que contemple a todos. O que há são atos e movimentos isolados, que não resolvem o todo, assim como no caso de Fabiano, não adiantaria matar apenas o soldado amarelo (Magalhães, 2001).

A capacidade que ele deu a sinha Vitória, de desejar ir além do que a realidade permite, faz com que ela e sua família se distanciem da lógica da natureza. Através dos seus sonhos e desejos, que aparecem no romance, por meio das diferentes vozes, narrador, Fabiano, e da própria personagem, o desejo de superação da autoria é enaltecido, pois ela é dona dos sonhos que alimentam perspectivas de melhoras. Tais sonhos partem do autor e



seu narrador e contaminam toda a família, bem como o leitor. Nessa perspectiva, através das reflexões de Fabiano, dos sonhos e desejos de sinha Vitória e até de Baleia, que sonhava com um mundo cheio de preás grandes e gordos, bem como da fuga dos retirantes, Graciliano Ramos aponta a possibilidade de superação desse ciclo de imposição da violência e do isolamento que impede o despertar de suas consciências por completo.

Considerações Finais

Através do plano ficcional, Graciliano Ramos demonstrou sua intenção autoral. Sua obra *Vidas secas* dialoga diretamente, por um lado com as condições histórico-sociais do Brasil que teve sua formação com base no capitalismo internacional e por isso precisa manter as desigualdades sociais, na medida em que a vida humana representa apenas o lucro que pode dar ao capital e, por outro lado, com tudo que a década de 1930 representava, ou seja, a primeira possibilidade de mudança concreta para o país.

A personagem sinha Vitória é uma mulher guiada pelos sonhos e pela imaginação de uma vida melhor. Os sonhos dela como o de ter uma cama de lastro de couro igual à de seu Tomás da bolandeira e o de um dia matricular os meninos na escola, servem de elementos simbólicos para o desejo do rompimento com o ciclo da pobreza. Ela era portadora do poder no seu núcleo familiar, pois Fabiano a considerava detentora do conhecimento que nele faltava. Sinha Vitória não se sentia plantada ali. A sua capacidade de sonhar, oportunizava-lhe a imaginação e a permitia vislumbrar uma vida diferente, não aceitando resumir a sua existência as duras penas que passava no sertão, nem a aceitar que seus filhos estivessem predestinados ao mesmo destino dos pais.

Sabendo que a arte é uma expressão humano social, temos a certeza de que a obra *Vidas secas* é fruto das perspectivas de 1930, portanto submetida às relações históricas do momento de sua elaboração. Sendo assim, a família de retirantes e principalmente sinha Vitória, assumem papel fundamental de provar aos trabalhadores que outra realidade é possível. A fuga dos personagens no último capítulo do livro, pode ser compreendida como um encerramento da situação vivida, fechando assim um ciclo da vida deles. Os personagens de *Vidas secas* não podem voltar para trás, pois voltar significa andar em círculos e não sair do lugar. Para eles só há a certeza de que o caminhar agora é para frente.



Referências

- BASTOS, H. **Formação e representação**. In: Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n.º 21, ano 15, 2006, p. 91-112.
- BASTOS, H. **Um mundo recalcitrante: as margens da rotina de sinha Vitória**. Ensaio apresentado no XIV Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, 2013.
- BRUNACCI, M. I. **Graciliano Ramos, um escritor personagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BUENO, L. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, A. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GARBUGLIO, J. C. *et al.* **Coleção Escritores Brasileiros -Antologia e Estudos: Graciliano Ramos**. São Paulo: Ed. Ática S.A. 1987.
- LIMA, E. A. C. R. **Vidas secas: representação estética e política - um estudo do romance de Graciliano Ramos**. Monografia apresentada a Faculdade UnB/Planaltina. Curso Licenciatura em Educação do Campo. Planaltina-DF. 70 pgs, 2013.
- MAGALHÃES, B. **Vidas secas, os desejos de sinha Vitória**. Curitiba: HD Livros Editora, 2001.
- RAMOS, G. **Vidas secas; posfácio de Hermenegildo Bastos**. -119ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.